

Reflexo(s) do Porto: Guia do Azulejo na Cidadeⁱ (Porto Reflection(s): City Tile Guide)

Nisa Félix

Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória [CITCEM]
nisafelix@gmail.com

Abstract

It is taken for granted that the Cultural Heritage and the territory in which it is inserted have an umbilical connection. Both influence each other and contribute in a reciprocal and interactive way to each other's evolution.

The main objective of Reflexo(s) do Porto: Guia do Azulejo na Cidade was to create an innovative heritage approach, combining the classic knowledge of Art History with new technologies, in a logic of complementarity. An itinerary of the tile heritage of Porto city was conceived in a way that allows the knowledge of the most varied culture heritage, attention justified by the public interest and important legacy that these heritage elements represent.

All urban tile sets have an architectural support that is part of the city's memory, which must be preserved for future generations, so that the history of the city, and of the country, is safeguarded, as well as its values and contributions to the development of society.

In summary, through technological innovation and digital tools, this project aims to demonstrate the importance of tiles in an urban context, as well as to emphasize the appreciation of the remaining cultural heritage of Porto city, with a view to its protection and sustainability.

Keywords: Tile, Porto, Heritage, Guide, Tourism

Resumo

É dado adquirido que o Património Cultural e o território onde aquele se insere têm uma conexão umbilical. Ambos se influenciam mutuamente e contribuem de forma recíproca e interativa para a evolução um do outro.

O principal objetivo de Reflexo(s) do Porto: Guia do Azulejo na Cidade foi criar uma abordagem patrimonial inovadora, conjugando os saberes clássicos da História da Arte com as novas tecnologias, numa lógica de complementaridade. Foi concebido um roteiro do património azulejar da cidade do Porto que permite o conhecimento do mais variado património cultural português, atenção justificada pelo interesse público e importante legado que estes elementos patrimoniais representam.

Todos os conjuntos azulejares urbanos têm um suporte arquitetónico que faz parte da memória da cidade, que deve ser preservado para as gerações futuras, de forma a que a história da cidade, e do país, seja salvaguardada, assim como os seus valores e contribuições para o desenvolvimento da sociedade.

Resumindo, através da inovação tecnológica e das ferramentas digitais, este projeto pretende demonstrar a importância do azulejo em contexto urbano, assim como acentuar a valorização do restante património cultural da cidade do Porto, tendo em vista a sua proteção e sustentabilidade.

Palavras-Chave: Azulejo, Porto, Património, Guia, Turismo

1. Introdução

Este artigo pretende promover a discussão sobre a importância do Património Cultural, incidindo sobre o património azulejar português, contribuindo dessa forma para o seu conhecimento e divulgação e apelando para a sua preservação. Questões relacionadas com o Património Cultural e o uso das tecnologias para a promoção do mesmo serão abordadas, sublinhando a sua interdisciplinaridade e complementaridade. Será também abordada a relação entre o Património

Cultural, especificamente do património azulejar portuense, e o Território, pois ambos têm uma conexão umbilical e influenciam-se mutuamente, contribuindo assim para o dinamismo um do outro e para a sua evolução. Iremos igualmente refletir sobre o facto de o património azulejar português ser um legado nacional e que a sua salvaguarda é um modo de preservar a história, os valores e as contribuições da nossa sociedade para o mundo.

O Azulejo contribui com o seu brilho e cor para a animação das fachadas, ajudando a conceber cenários que envolvem os habitantes e os transeuntes, aos quais aqueles elementos cerâmicos não passam despercebidos. Os reflexos são aqueles criados através da incidência da luz dos raios solares nos azulejos, texturados ou não, e que, através dos cambiantes da luz, refletem vários estados da vida da cidade. Pelas suas inúmeras vantagens, as propriedades isolantes, a durabilidade, a fácil higiene e também o preço reduzido, e pelo seu cromatismo, o Azulejo tornou-se um revestimento que animou as superfícies e enriqueceu as fachadas citadinas. Devido à sua cor, relevo e brilho os azulejos transformaram a paisagem urbana. Esta é, de forma sucinta, a explicação para o nome do nosso projeto.

A perceção sobre o constante desaparecimento de conjuntos azulejares, por diversos motivos, como o vandalismo ou a delapidação, a incúria ou abandono, levaram-nos a desenvolver um trabalho que permitisse a divulgação e, ao mesmo tempo, a proteção deste património, cujos mecanismos de salvaguarda ainda são reduzidos. Este é também um motivo de grande preocupação, pois a azulejaria é uma das manifestações artísticas que mais identifica a herança cultural portuguesa. O azulejo espelha os acontecimentos pelos quais passou a própria urbe que o acolhe, mostrando, no Porto, a cidade eclesiástica, a mercantil e a do poder régio, exibindo estes poderes e a sua evolução através da iconografia e dos espaços que o recebem como revestimento.

Embora este projeto se fundamente numa vertente teórica, ou seja, na recolha de informação, apresenta um carácter prático que tem como objetivo principal ser usufruído pelo público. Quisemos apresentar algo inovador, tendo em vista o constante crescimento do turismo nos últimos anos, consequência da integração do Centro Histórico do Porto na Lista de Património Mundial da UNESCO (1996), e assim gerar uma ferramenta útil. Queremos dar a conhecer os mais diversos testemunhos azulejares, as suas épocas e tipologias, património que de outro modo não receberia a atenção que com o nosso itinerário lhe demos.

Este projeto, criado como conceito inovador para cidade do Porto, poderá estar sempre em atualização e desenvolvimento, o que levará ao seu constante progresso, tendo a possibilidade de a médio e longo prazo ser enriquecido e de poder evoluir com outros contributos. Em suma, com *Reflexo(s) do Porto: Guia do Azulejo na Cidade* gerámos um itinerário estruturado do património azulejar da cidade do Porto, elencando uma série de conjuntos azulejares de modo a criar circuitos livres e permitir o conhecimento do mais variado património da urbe portuense.

Com tudo isto insistimos constantemente na existência do Azulejo, principalmente no Porto. Isto resume-se numa ideia chave, apresentada pelos autoresⁱⁱ do projeto *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo*, *só é possível proteger aquilo que se conhece*. É pensando na

proteção deste património, a maioria integrado, que desenvolvemos este trabalho, pois sabemos que muitas vezes a legislação não assume o papel protetor de que está imbuída, cabendo a todos nós tomar uma atitude ativa perante situações que coloquem em risco este bem tão inestimável da nossa cultura. O Azulejo é uma das manifestações mais características da cultura portuguesa. Uma verdade que deve ser realçada é que o azulejo faz parte da nossa tradição, e isso é preciso ser compreendido. Hoje em dia, durante o nosso quotidiano, passa-se por superfícies azulejares com uma tal naturalidade que leva ao seu menosprezo e a esquecer que muitos daqueles elementos remontam a várias centenas de anos.

2. Reflexo(s) do Porto: Guia do Azulejo na Cidade

Este projeto é o resultado final de dois anos de investigação, e o projeto que nos permitiu a conclusão do Mestrado em História da Arte Portuguesa (FLUP). A vontade de estudar a Azulejaria na cidade do Porto surgiu, além do interesse pelo tema, com a perceção do constante desaparecimento deste património, fosse por vandalismo ou por abandono. De mais a mais, a azulejaria continua a ser uma das artes que mais identifica a herança cultural portuguesa. O azulejo espelha os acontecimentos pelos quais passou a própria urbe que o acolhe, mostrando, no Porto, a cidade eclesiástica, a mercantil e a do poder régio, exibindo estes poderes e a sua evolução através da iconografia e dos espaços que o recebem como revestimento.

Durante a elaboração do projeto, estagiamos no Banco de Materiais da Cidade do Porto, que nos deu a possibilidade de aceder a diversa informação sobre o tema e, mais importante, a oportunidade de contactar diariamente e diretamente com os materiais, não esquecendo o apoio técnico do pessoal, que permitiu a superação de dificuldades que nos iam surgindo. Compreendendo a missão desta instituição também tentamos contribuir para uma eficaz salvaguarda do azulejo e, ao mesmo tempo, cativar um público mais vasto e mais interessado nos problemas que se prendem com esta arte.

Ao decidirmos criar um *Guia do Azulejo na Cidade do Porto*, pensámos que poderíamos oferecer à História da Arte, à cidade do Porto, e aos sus visitantes, um produto novo. Um trabalho que poderá estar sempre em utilização, atualização e desenvolvimento, o que levará ao seu constante progresso, e que tem a possibilidade de ser enriquecido com a introdução de novas informações e com a colaboração de outros investigadores.

2.1. A Teoria da Investigação: O Processo

A investigação para este projeto iniciou-se pela pesquisa bibliográfica base, ou seja, partindo do tema geral, *O Azulejo*, temática bastante estudada, foram surgindo informações suficientes para estruturar e suportar o nosso estudo. Desta primeira fase resultou uma listagem de inúmeras obras, como as monografias de Reinaldo dos Santos (Santos, 1957), José Meco (1985, 1989) e de J.M. dos Santos Simões (Simões, 1979, 1990, 1997; Simões & Oliveira, 1997), que nos permitiram traçar uma evolução sobre o Azulejo em Portugal, e identificar períodos, técnicas e autores que compõem este capítulo da História da Arte Portuguesa.

Depois de obtido o conhecimento base sobre a azulejaria a nível nacional, centramos a pesquisa no nosso propósito, ou seja, o *Azulejo na Cidade do Porto*, procurando obras que facultassem dados sobre locais ou edifícios que integrassem revestimentos/registos azulejares. Reunimos assim um leque de documentação, como as monografias de Fausto Sanches Martins (Martins, 2001) e de Agostinho Guimarães (Guimarães, 1989), que nos permitiu dar início à escolha dos conjuntos azulejares a integrar o guia e os percursos nele integrados.

Após estas leituras mais dedicadas à história e evolução artística, decidimos explorar o assunto da cerâmica no que respeita ao fabrico do azulejo e às instituições que o produziram na área portuense. Para sustentar esta parte do trabalho orientamo-nos por dois trabalhos fundamentais nesta temática, *A Cerâmica Portuense: Evolução Empresarial e Estruturas Edificadas* (Soeiro, Alves, Lacerda & Oliveira, 1995) e *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia, Roteiro das Fábricas de Cerâmica Portuense* (Soeiro, Lacerda & Oliveira, 2001), que sistematizam uma vasta informação sobre as várias fábricas de cerâmica das cidades do Porto e Vila Nova de Gaia.

Com toda esta recolha bibliográfica, começamos por elaborar uma *História/Evolução do Azulejo em Portugal* onde reunimos toda a informação que se encontrava dispersa pela vasta bibliografia consultada. Partindo daqui, foi criada uma *Cronologia* que resume, de certo modo, todos os dados importantes das épocas em que se divide a história do azulejo, as técnicas, os artistas e as fábricas que permitiram a sua evolução. Sentimos também a necessidade de criar um *Vocabulário Azulejar* onde estão patentes diversas definições que constituem o universo da azulejaria, desde as tipologias e elementos decorativos, até às técnicas e processos da manufatura dos azulejos.

Surgia agora a necessidade de selecionar os locais e conjuntos azulejares existentes na cidade do Porto e que haveriam de constar no *Reflexo(s) do Porto*. A escolha recaiu sobretudo no Centro Histórico e na Baixa, por estas serem as zonas que mais se salientam a nível turístico. Como pretendíamos conceber um produto que se destinava a apresentar uma das características mais marcantes da urbe, esta foi a escolha que nos pareceu mais sensata. No entanto, decidimos criar diversos percursos que apresentam exemplos de outras freguesias fora das áreas mencionadas, permitindo o conhecimento de outro património construído na área circundante do núcleo central da cidade.

Foi um trabalho árduo que passou pela estruturação de tabelas com critérios de seleção, tendo o propósito de fundamentar a nossa decisão. Estes critérios permitiram eleger os locais que deveríamos explorar e expor com mais destaque, por serem aqueles que na cidade têm também mais atenção por parte do público. Serviu, do mesmo modo, para perceber aqueles conjuntos que não eram tão conhecidos e vistos pelos visitantes por se encontrarem deslocados do epicentro turístico. O nosso objetivo foi assim duplo, ao mesmo tempo informar sobre os exemplares que suscitam mais curiosidade, mas também alertar para outros que não são tão divulgados.

Dada a extensão e complexidade dos dados que reunimos para os exemplares selecionados, deparamo-nos com a necessidade de criar fichas de inventário que agrupassem toda a informação recolhida e que se destinassem à sua sistematização. Cada ficha de inventário é dividida em três

grelhas que esclarecem relativamente ao edifício, ou seja, ao imóvel onde está agregado o conjunto azulejar, ao conjunto azulejar, o nosso objeto de estudo, e ainda sobre um ponto de interesse, local que se destaca na área do conjunto azulejar. As fichas de inventário apresentam um levantamento fotográfico, com imagens da nossa autoria, tal não acontecendo em poucos exemplos e aí recorreremos a registos de outros autores, estes devidamente assinalados.

Com o avanço do nosso trabalho deparámo-nos também com a necessidade de estudar as fábricas de cerâmica do Porto e Vila Nova de Gaia e a evolução da indústria cerâmica. Focámo-nos nos aspetos que se relacionam com o progresso das primitivas oficinas, originando muitas delas fábricas de renome, e com o progresso desta atividade nas duas cidades citadas. Aqui também se tornou útil a criação de fichas de inventário de forma a sistematizar informações que eram uma mais-valia para a compreensão da matéria. Conseguimos com isto ter uma noção da quantidade de unidades fabris que foram criadas neste núcleo cerâmico, assim como a sua durabilidade e a sua importância no crescimento das próprias cidades e no incremento do revestimento azulejar. Além disso, contribuiu para entendermos a complexidade da gestão dessas unidades fabris e dos diversos acontecimentos por que passaram ao longo da sua existência. Do mesmo modo, e de forma a completar esta investigação, seguindo a constante referência das obras, e também da constante menção, preparámos uma pequena biografia dos artistas cerâmicos que se destacaram, e daqueles que foi possível recolher dados.

Toda esta parte teórica encontra-se agregada e distribuída em dois documentos: *Reflexo(s) do Porto: Processo para a Produção de um Guia do Azulejo na Cidade* e *Materiais realizados no Processo de Produção de um Guia do Azulejo na Cidade do Porto*. O primeiro foi dividido em seis capítulos – *O Banco de Materiais da Câmara Municipal do Porto*, instituição que se destaca na cidade pela sua intervenção na proteção e valorização do património azulejar; *História do Azulejo em Portugal*, a nível cronológico, tipológico e iconográfico; *As Fábricas de Cerâmica do Porto e Vila Nova de Gaia*, onde são apresentadas as unidades fabris e a evolução da indústria cerâmica deste núcleo; *Produção de um Guia – O Processo*, apresentação do meu percurso até atingir o produto final, e aqui elenco todas as tarefas que executei, desde a recolha e tratamento da informação até ao levantamento e edição das imagens dos conjuntos azulejares; *Cronologia Azulejar*, onde é feita uma sistematização da informação; *Vocabulário Azulejar*, um glossário que complementa o trabalho e onde diversos conceitos são clarificados – sendo que alguns apresentam ainda subcapítulos. O segundo documento reúne, como indicado no título, todas as ferramentas que foram desenvolvidas para a obtenção das informações necessárias. Resume-se assim à agregação de todos os documentos anexos que criamos de forma a justificar aquilo que apresentamos no nosso produto final. Estas componentes encontram-se disponíveis para consulta na base do Repositório Aberto da Universidade do Porto através da hiperligação <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/80703>.

2.2. Da Teoria à Prática: O Site

A terceira e última componente do projeto é o *site* acessível através da hiperligação <http://reflexosdoporto.wix.com/guia-azulejo>. Esta decisão de optar pela exposição virtual fundamenta-

se no facto, já supracitado, de disponibilizar um produto de carácter prático, que pretende valorizar o património azulejar. Desta forma conseguimos chegar a um público mais vasto, dando-lhe a oportunidade de construir o seu próprio itinerário, ao mesmo tempo que sugerimos percursos específicos, desde cronológicos a temáticos, que os utilizadores podem escolher conforme o seu agrado. No *site*, que será desenvolvido continuamente, estarão também disponíveis outros separadores, que não o do roteiro, onde é possível obter outras informações. Estas serão disponibilizadas ao longo do tempo, seguindo o curso da nossa investigação, pois, como já foi avançado, a viabilidade temporal futura do nosso projeto dá essa possibilidade, tal como nos permite receber o contributo de outros investigadores.

O site é composto por vários separadores. Na *Página Inicial* está exposto o roteiro principal a que já aludimos. Ao carregar sobre o mesmo é possível aceder ao seu conteúdo, este dividido em dois capítulos principais. O 1º capítulo destina-se à apresentação do *Território*, o Porto, seguindo-se o 2º capítulo dedicado ao *Azulejo*. A informação relativa a este assunto está ordenada cronologicamente, desde o século XV ao XXI. Ao longo destes subcapítulos sobre a azulejaria apontamos sucessivamente locais *No Porto* que possuem exemplares da época, técnica ou tipologia em questão, como também diversas *Curiosidades*. Um outro subcapítulo é referente às *Fábricas de Cerâmica* onde, além da *Evolução da Indústria Cerâmica*, listamos as *Fábricas do Porto* e *Vila Nova de Gaia*. Seguem-se os subcapítulos dedicados ao Banco de Materiais, aos diversos *Percursos de Azulejaria pelo Porto*, e ainda *Informações e Contactos* e *Mapas*.



Figura 1. *Página Inicial* onde é possível consultar o *Guia do Azulejo na Cidade*.

No separador seguinte, intitulado *Percursos*, encontram-se os vários *Percursos de Azulejaria pelo Porto*, itinerários criados por nós e que seguem uma lógica cronológica, geográfica, temática ou tipológica. Todos se organizam do mesmo modo: *Listagem dos Locais a Visitar*, *Sugestões*, no que respeita à deslocação entre os locais, recomendando o transporte público apropriado e quando necessário; *Percursos*, onde é feita uma descrição dos conjuntos azulejares, transmitindo informações cronológicas, históricas e iconográficas; *Informações* sobre os locais, como a morada e respetivos horários. No terceiro separador estão expostos diversos *Locais* da cidade que se destacam pelos

seus conjuntos azulejares. Devido à extensão dos dados recolhidos durante a pesquisa não foi possível colocar as notas descritivas elaboradas para cada um desses mesmos pontos. Assim, foram criadas galerias onde são exibidas imagens dos exemplares estudados, e é proposto aos interessados que pesquisem nas componentes teóricas as informações de que necessitam. Estas galerias estão organizadas de forma cronológica, tipológica e temática, e destacamos as que se dedicam à *Azulejaria Barroca*, *Placas Toponímicas* e *Estabelecimentos Comerciais*.

No quarto separador, designado *Ruas*, são mostrados conjuntos azulejares figurativos de diversas ruas da cidade do Porto. Os padrões e frisos foram remetidos para respetivas divisórias de forma a facilitar a distribuição das imagens. Assim, nos dois separadores seguintes são apresentados *Padrões* e *Frisos* existentes nos edifícios da urbe portuense. As imagens são apresentadas alfabeticamente e sempre acompanhadas de legenda que identificam o imóvel onde os conjuntos estão aplicados. Primeiro são apresentados aqueles que se encontram em inúmeras ruas da urbe, depois aqueles provenientes de outros locais, como igrejas e capelas. No sétimo separador, dedicado às *Fábricas*, é primeiramente apresentado um mapa com todas as unidades fabris que fizeram parte do núcleo fabril do Porto e Vila Nova de Gaia, seguindo-se a exposição da evolução da indústria cerâmica e das fábricas. Quando é possível, a descrição referente a uma estrutura industrial é acompanhada pelo respetivo conjunto de imagens, dando-se destaque ao estado atual dos edifícios. O separador seguinte, *Galeria de Imagens*, é constituído por diversas fotografias recolhidas ao longo do trabalho, imagens que procuram incentivar a visita a estes conjuntos azulejares, mas também estimular a descoberta de outros. No último separador encontram-se informações relativas à elaboração deste trabalho, bem como a hiperligação que permite o acesso aos componentes teóricos já mencionados, e que estão, como referido anteriormente, disponíveis no Repositório Aberto da Universidade do Porto.



Figura 8. Algumas das fotografias expostas na *Galeria de Imagens*.

A nossa página web foi desenvolvida numa plataforma gratuita que, por essa razão, tem as suas condicionantes. Além do mais, não temos qualquer formação em *design*, nem em construção de sites, o que limitou muito o desenvolvimento deste projeto. É também verdade que atualmente muitos projetos têm como base da sua imagem, ou da sua investigação, os padrões dos azulejos. No

entanto, quando desenvolvemos o nosso projeto, entre 2013 e 2015, esta situação não era tão frequente. Como dissemos, os padrões azulejares são uma imagem apelativa, mas são ao mesmo tempo significado da proliferação das fábricas de cerâmica, neste caso, do Porto e Vila Nova de Gaia, e dos modelos que estas criaram. Claro que gostaríamos de ter criado uma imagem mais marcante para o nosso projeto, ainda vamos a tempo! Mas, é necessário não esquecer que o *Reflexo(s) do Porto* é resultado da nossa investigação durante o Mestrado em História da Arte Portuguesa, sendo uma criação pessoal e que foi desenvolvido exclusivamente por nós, não contando com uma equipa polivalente composta por colaboradores de diferentes áreas, como o design gráfico. Assumimos que a página web poderia ser mais intuitiva, utilizando outras ferramentas, como mapas, articulando a informação com o *Google Maps*, ou mesmo conteúdos áudio.

Tal como outros projetos semelhantes era nosso propósito, e continua a ser, que as informações recolhidas, que podem a qualquer momento ser atualizadas, se transformassem na edição de um roteiro que fosse um guião para os visitantes. Estes instrumentos combinados seriam uma mais-valia para a experiência do visitante e podiam igualmente articular-se com a criação de uma aplicação para dispositivos móveis. A conceção de uma aplicação foi também pensada por nós e apresentada, juntamente com o projeto, na *1ª Mostra de Jovens Empreendedores*, organizada pela Fundação da Juventude/StartUP Juventude. Neste evento, que ocorreu no Porto em junho de 2017, *Reflexo(s) do Porto: Guia do Azulejo na Cidade* venceu o *Prémio Especial Appsfactory* que contemplava os projetos com maior potencial para a criação de uma aplicação para dispositivos móveis. Com esta ferramenta seria possível ao visitante criar um roteiro, através da marcação de diversos pontos e, com o auxílio do *Google Maps*, deslocar-se entre os diferentes locais, obtendo informação sobre a deslocação. Além disso, existiria um suporte informativo, onde constariam referências ao autor, à data e à iconografia dos conjuntos azulejares a visitar. Era também nosso intento, tendo todos estes materiais desenvolvidos, produzir os conteúdos em diferentes línguas, como o inglês, francês e espanhol, de forma a facilitar o acesso à informação e permitindo a fruição da mesma por um público que não o nacional.

Embora o projeto tenha ainda estas limitações, a investigação que o sustém é de utilidade pública, não esquecendo que em muito contribuiu para o conhecimento deste património na cidade do Porto. Por essa mesma razão, recebeu o Prémio “Dissertação de Mestrado” na 7ª edição dos *Prémios SOS Azulejo* [2015].

3. Proteção e Divulgação do Património Azulejar

3.1. Outros Projetos para a Salvaguarda e Difusão do Património Azulejar Português

Atualmente, existem diversos projetos que se dedicam à proteção e divulgação deste património. Salientar novamente que o *Reflexo(s) do Porto* é o resultado de uma dissertação de mestrado, e que não foi criado e desenvolvido por uma equipa com elementos de diferentes áreas ou com diferentes polivalências. Por essa razão difere em alguns aspetos dos que vamos apresentar.

Começamos por apresentar aquele que para nós é o ex-libris destes projetos, o *Projeto SOS Azulejo*ⁱⁱⁱ. Criado em 2007, é uma iniciativa pioneira do Museu de Polícia Judiciária e nasceu, tal como afirmam os seus autores, “da necessidade imperiosa de combater a grave delapidação do património azulejar português que se verifica atualmente, de modo crescente e alarmante, por furto, vandalismo e incúria”. Tem como propósitos basilares envolver a comunidade na proteção deste património, incentivando a sensibilização para a sua valorização e implementando uma estratégia assertiva, pragmática e eficaz de prevenção criminal.

No seguimento das suas atividades o *Projeto SOS Azulejo* obteve diversos resultados que se sobressaem na salvaguarda do património cultural, destacando-se: Diminuição de quase 80% dos furtos registados na Polícia Judiciária de azulejos históricos e artísticos; Criação do Dia Nacional do Azulejo (6 de maio); Nova legislação protetora do património azulejar; Alteração ao Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação de Lisboa que interdita, desde 2013, a demolição de fachadas azulejadas e a remoção de azulejos das mesmas na capital.

Mencionar ainda as diversas ações e iniciativas. O site (www.sosazulejo.com), onde se encontram conselhos práticos de prevenção criminal e conservação preventiva e também, não menos importante, a exposição de imagens de azulejos furtados, de modo a impedir a sua fácil circulação no mercado. Destaca-se também a página do Facebook (<https://www.facebook.com/projectososazulejo>), uma ferramenta que permite atualizações constantes sobre a temática do património azulejar. Além destes, os Prémios Anuais SOS Azulejo que se destinam “a galardoar a excelência dos melhores trabalhos, projetos, estudos, contributos, obras (artísticas) e ações de proteção e valorização do património azulejar português e/ou de origem/tradição portuguesa, a título individual, institucional ou coletivo”. E ainda a Ação Escola SOS Azulejo, ação pedagógica e lúdica que pretende sensibilizar para a importância do património azulejar português, atividade a nível nacional e que conta com a participação de centenas de escolas.

Outro projeto que se destaca é o *Az Infinitum - Sistema de Referência e Indexação de Azulejo*^{iv}. Na sua apresentação esclarece que “tem como objeto de estudo a azulejaria produzida e/ou aplicada em Portugal, desde as primeiras manifestações, que remontam ao século XV, até à atualidade”. Dá continuidade ao estudo de Santos Simões, e de outros investigadores, aplicando à investigação as novas tecnologias, conseguindo dessa forma organizar, sistematizar e cruzar dados. Tal como o nosso projeto, pretende divulgar um património único através da *inclusão do azulejo na era digital*, e é constituído por um grupo de investigação do ARTIS (Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Foi criado pela necessidade de “inventariar, catalogar, e estudar a azulejaria que se conserva *in situ* num sentido global (composição, articulação com a arquitetura, autoria, fontes de inspiração, processos de produção, encomenda), recorrendo à pesquisa documental, gráfica e fotográfica”, propósitos idênticos àqueles que nos comprometemos com a realização do nosso trabalho, neste caso para a cidade do Porto. De salientar ainda a publicação (2014) do *Guia de Inventário de Azulejo in situ*, uma proposta de modelo para inventariar revestimentos em azulejo que se conservam *in situ*. Este surgiu no mesmo período em que criámos

as nossas fichas de inventário, tanto para os conjuntos azulejares, como para as fábricas de cerâmica, o que levou a não nos basearmos no modelo apresentado pelo Az.

A nível nacional referir ainda quatro projetos. A *Rota do Azulejo no Alentejo*^v que pretende divulgar o património azulejar dos séculos XVI a XX desta região do país (Évora, Beja e Portalegre). É um projeto com coordenação centralizada no Consórcio científico formado pela Universidade de Évora, o Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA), o Laboratório HERCULES - Herança Cultural, Estudo de Salvaguarda e a Direcção Regional de Cultura do Alentejo. O *PAR-Património Azulejar Religioso na Diocese da Guarda*, um livro que apresenta o património azulejar religioso da Diocese da Guarda, que abrange 15 arcebispos e 365 paróquias. Anabela Sardo, coordenadora da obra, em entrevista^{vi} explicou que o projeto “nasceu da constatação da necessidade de sistematizar e promover o relevante património azulejar religioso que existe na área que abrange a diocese da Guarda”, sendo que para isso selecionados “os exemplares patrimoniais cuja importância histórica, artística e religiosa servissem de exemplo e convidassem a descobrir os outros não menos fascinantes que podem encher de cor e magia a passagem do visitante”.

O terceiro projeto é o *Azulejo Publicitário Português*^{vii} página web que é construída com contributos de admiradores de painéis publicitários. Os autores justificam a sua criação com a falta de um repositório que fosse de fácil acesso e mapeasse este tipo de obras, aproveitando conteúdos que já haviam sido partilhados em blogues pessoais e redes sociais. Encaradas como peças utilitárias, que serviam para publicitar produtos, tornaram-se obsoletas e acabaram por ser negligenciadas e esquecidas. Assim, procura salvaguardar a memória de diversos painéis publicitários e contribui para a divulgação dos mesmos. A nível pessoal cooperamos para este projeto com algumas fotografias de painéis publicitários do Porto, divulgando dessa forma o nosso trabalho e, ao mesmo tempo, participando no crescimento deste inventário. Mencionar também o *Mapping our Tiles*^{viii}, no qual participamos com a localização de padrões. De âmbito nacional, está sediado no Porto, e resume-se à “georreferenciação de azulejos de casas portuguesas, que liga diversos padrões de azulejos às localizações físicas onde (atualmente) existem”. Os autores (Bonjardim Porto) ambicionam “caracterizar a distribuição de padrões de azulejos em Portugal, reforçando a sua beleza, tradição e relevância cultural, para que todos possam apreciá-los e contribuir para a sua proteção e preservação para gerações futuras”.

Centrando-nos agora na cidade do Porto mencionar, antes de tudo, o Banco de Materiais da Câmara Municipal do Porto (BMCMP)^{ix}. A cidade do Porto foi pioneira na criação de um serviço no campo da recolha, conservação e valorização de diferentes materiais tradicionais utilizados na sua arquitetura. O principal objeto do BMCMP é a salvaguarda destes materiais e, para isso, procede a uma sistemática recolha em “edifícios degradados, a demolir ou a alterar, com a finalidade de se devolverem [os materiais] à cidade”. Atualmente encontra-se instalado no Palacete dos Viscondes de Balsemão, local que potenciou os seus serviços educativos e pedagógicos que têm a missão de sensibilizar para a preservação do património portuense. Além da sua ação ativa na reabilitação urbana, possui um carácter museológico patente na exposição permanente, onde o destaque da mostra vai para a azulejaria de padrão, dita *de fachada*.

Destacamos na cidade o *Azulejos do Porto*^x, “um projeto sem fins lucrativos para catalogar e preservar todos os azulejos de fachada do Porto”. Criado em 2016, um ano após apresentamos o nosso trabalho, assemelha-se ao *Mapping our Tiles*, e tem igualmente o objetivo de preservar o património azulejar da cidade, sobretudo aquele que integra as fachadas, ou seja, o dito azulejo de padrão. Para as fotografias utilizam material profissional, como uma câmara fotográfica HD, e editam digitalmente as mesmas para atingir as cores mais próximas da realidade, algo que nos faltou no nosso trabalho devido à escassez do tempo e à carência de material de alta qualidade. Além da recolha de imagens, os autores criaram a Gazete Azulejos, um atelier onde pintam azulejos utilizando as técnicas tradicionais, fazendo inclusive réplicas para edifícios que necessitam de exemplares. A comunidade pode participar no projeto através de donativos, mas também enviando fotografias de azulejos que ainda não tenham sido catalogados. Para terminar, referir ainda o *Preencher Vazios*^{xi} que surgiu com o “intuito de preencher os espaços vazios das fachadas de casas e edifícios das ruas do Porto”. Além disso, “pretende chamar a atenção para pequenos detalhes que nos rodeiam diariamente, surpreendendo os transeuntes com algo que não estavam habituados a ver, atribuindo pequenas mensagens que levam a refletir sobre as nossas rotinas e comportamentos”.

4. Comunicação Patrimonial: Reflexões

4.1. Património Cultural: A Criação de Itinerários e as Vantagens da Tecnologia

Neste capítulo faremos uma pequena reflexão sobre a comunicação patrimonial, justificando, de certo modo, as razões que nos levaram à realização, e posterior divulgação, deste projeto. Está mais do que comprovado que o turismo cultural é um vetor importante para o desenvolvimento dos territórios e, em consequência, das populações. Tal como nos diz Bonifácio Rodrigues (Rodrigues, 2018, p. 3) “o Turismo Cultural é, na atualidade, quando devidamente planeado, um fator de desenvolvimento sustentável de territórios, em geografias diversas, sejam elas países, regiões, cidades ou aldeias”. É no seguimento desta ideia que o nosso projeto surge, não esquecendo outros fatores importantes como a potencialização do conhecimento e a valorização do território, fomentando a preservação do seu património. O nosso projeto segue também o espírito da Carta Internacional do Turismo (Icomos, 1999) no sentido que “o património natural e cultural pertence a toda a humanidade. Cada um de nós possui direitos e deveres relativamente à compreensão, apreciação e conservação destes valores universais”. Não esquecendo que “nesta época de globalização crescente, a protecção, a conservação, a interpretação e a divulgação do património e da diversidade cultural de cada lugar ou de cada região, constituem um importante desafio para todos os povos e para todas as nações” (Icomos, 1999)

Para o Emerge Centre for Innovation–Africa (ECI–Africa), citado por Sara Araújo (Araújo, 2017, p. 18), o turismo de rotas é “a melhor esperança do mundo para assegurar a sustentabilidade nas viagens e no turismo”. Greffe, citado por Araújo (2017, p. 18), refere-se ao turismo de rotas como uma “iniciativa para reunir uma variedade de atividades e atrações sob um tema unificado e estimular, desta forma, oportunidades empresariais através do desenvolvimento de produtos e serviços auxiliares”. As rotas apelam a uma grande variedade de utilizadores porque “variam

consideravelmente em duração, escala (local, regional ou internacional), bem como no tema adotado e atraem diferentes tipos e números de turistas”, tendo desse modo “uma variedade de funções e atraem diferentes públicos com uma variedade de motivações de lazer, o que é geralmente refletido no tema das rotas (Meyer, 2004, citado por Araújo, 2017, pp. 20-21).

Sara Araújo (Araújo, 2017, pp. 23-24) identifica ainda cinco fatores importantes para o sucesso das rotas turísticas: Redes de cooperação, pensamento regional e liderança; Desenvolvimento de produtos, infraestrutura e acesso; Participação da comunidade, desenvolvimento de microempresas e inovação; Informação e promoção; Um foco pro-poor explícito. A autora (Araújo, 2017, p. 24) refere ainda que uma das questões mais difíceis para o desenvolvimento de uma rota é a diversidade de gostos e preferências dos turistas. Foi a pensar nesta adversidade que decidimos criar diferentes percursos para o nosso projeto (cronológicos, temáticos, geográficos), tentando desse modo atrair um maior número de participantes.

Um outro fator importante para o sucesso de uma rota é o acesso à mesma (Araújo, 2017, p. 25). No nosso caso isto nem se apresenta como problema, a cidade do Porto tem uma vasta rede de transportes públicos, com diferentes tipos de tarifas, e já mencionamos anteriormente que disponibilizamos uma série de informações sobre a deslocação entre os vários pontos dos nossos percursos.

Referir mais uma questão que achamos pertinente e que foi abordada por Rodrigues (2018), o turismo criativo. Esta aposta na produção de experiências e pode definir-se do seguinte modo “um tipo de turismo que oferece aos turistas/visitantes a oportunidade de estes desenvolverem o seu potencial criativo através da sua participação em cursos e experiências de aprendizagem que são típicas dos destinos onde estes se encontram de férias” (Richards citado por Rodrigues, 2018, p. 78). O nosso projeto pode igualmente apostar nesta vertente do turismo criativo pois a experiência do turista/visitante pode ser potenciada com a realização de um *workshop* de manufatura de azulejo, ou mesmo com a compra de um azulejo realizado tradicionalmente, criando desse modo redes de cooperação (parcerias) com outros projetos que desenvolvem este tipo de atividades.

É também consensual, como afirma Castells (citado por Ferreira & Gouveia, 2004, p. 191), o facto da *Internet* já ter sido assimilada como o alicerce central do atual mundo da informação. Esta situação advém das inúmeras vantagens que oferece face aos *media* tradicionais. Este meio digital cria assim condições para o conhecimento, a compreensão e a promoção do Património Cultural, clique. Daí, o foco do nosso projeto ter sido, desde o seu início, a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação como meios de divulgação, dinamização e promoção do património azulejar. Além disto, foi também nosso propósito a aplicação de instrumentos que possibilitassem a transmissão de conhecimentos e que de algum modo pudessem ser facilitadores da aprendizagem, despertando ao mesmo tempo o interesse pela temática, permitindo que um vasto público aceda a informações que de outro modo não conseguiria (Ferreira & Gouveia, 2004, p. 191).

Deste modo, a criação de dados e *sites* constitui um instrumento vital para a conservação e divulgação do património, pois permite a salvaguarda de dados em ambiente digital (Leal, 2018). A

tecnologia é um meio para o conhecimento. É também um modo de armazenar, manter e atualizar dados e recursos possibilitando o seu acesso contínuo e a longo prazo, permitindo às gerações futuras a aproximação e a compreensão do passado. Estes dados e recursos podem ser visualizados e assimilados pelo público em qualquer parte do mundo através de uma simples pesquisa e de um

Conclusão

Não restam dúvidas de que o Azulejo é um fator identitário da nossa cultura, tanto pela via decorativa como pela utilitária. No entanto, é muitas vezes considerado mero acessório, juntando-se a isto o roubo e a pilhagem, bem como a acelerada destruição provocada por vários fatores. Com este projeto procuramos contrariar tudo isto e consciencializar o público para a salvaguarda deste património.

Quando concluímos a nossa investigação [2015] ainda não existia uma lei particularmente destinada à proteção do património azulejar. Existia a Lei de Bases do Património Cultural (Lei nº 107/2001) que apela a uma *inventariação, assegurando-se o levantamento sistemático, atualizado e tendencialmente exaustivo [...] com vista à sua respetiva identificação* [Artigo 6º, alínea a)], e a respetiva *inspeção e prevenção, impedindo, mediante a instituição de organismos, processos e controlos adequados, a desfiguração, degradação ou perda de elementos integrantes do património cultural* [Artigo 6º, alínea e)]. Felizmente, devido à constante intervenção do *Projeto SOS Azulejo*, surgiu, em 2017, a Lei nº 79/2017. Este documento é uma alteração ao Regime Jurídico da Urbanização e Edificação, aprovado pelo Decreto-Lei nº 555/99, e estabelece mecanismos de proteção do património azulejar ficando, por exemplo, sujeitas a licença administrativa “as operações urbanísticas das quais resulte a remoção de azulejos de fachada” [Artigo 4º, alínea i)], como também pode ser indeferido um pedido de licenciamento cuja “operação urbanística implique a demolição de fachadas revestidas a azulejos ou a remoção de azulejos de fachada” [Artigo 24º, ponto 2, alínea c)]. Com esta alteração, o património azulejar pode ser protegido sem estar classificado, impedindo-se deste modo a demolição ou remoção das fachadas com azulejos, operações que necessitam de autorização por parte dos técnicos das autarquias.

Foi também nosso propósito tornar constante a lembrança deste património e estimular iniciativas que de algum modo possam protegê-lo. Ainda a desenvolver o projeto refletimos que o país se devia unir com um mesmo propósito, uma candidatura do Azulejo a Património Mundial, protegendo-o e legando-o às gerações futuras como algo que, apesar de não ser originário de Portugal, é um património que nos pertence pelo modo como nos apropriarmos dele, fazendo com que já se tenha tornado um motivo de atratividade para o nosso olhar e a curiosidade de visitantes. Essa candidatura surgiu em maio de 2015 e foi divulgada pela Direção-Geral do Património Cultural^{xii}, em parceria com o Laboratório Nacional de Engenharia Civil e a Comissão Nacional da UNESCO. Esta candidatura ainda se encontra em fase de desenvolvimento e os seus principais intervenientes em entrevista^{xiii} referem que a originalidade do azulejo “é o principal motor da proposta da candidatura do azulejo português a Património da Humanidade”, não esquecendo que o azulejo tem sido utilizado em Portugal ininterruptamente ao longo dos últimos cinco séculos de uma forma que não encontra

equivalência noutra país — nem em termos de presença no território, nem de escala ou de capacidade de renovação (Maria do Rosário Salema de Carvalho)

Se refletirmos, na Azulejaria, como qualquer outra expressão artística, fizeram-se sentir os diversos movimentos que dominaram a Arte Ocidental. De Norte a Sul de Portugal podemos encontrar exemplares de várias épocas, desde o Renascimento, à *Art Deco*, não esquecendo o Maneirismo, o Barroco e o Rococó, assim como o Neoclassicismo, a Arte Nova e as interpretações contemporâneas. Esta evolução dá-nos a conhecer os diversos métodos de fabrico, atestando as suas transformações e sucessiva evolução, assim como as inúmeras influências de cariz plástico, seguindo modelos nacionais ou importados, que ao longo do tempo se fizeram sentir na sua produção. Apesar de incorporar todos estes elementos, a azulejaria portuguesa conseguiu inovar sem copiar, sendo este o fator primordial para a definição da sua originalidade.

A estruturação deste guia e dos percursos, bem como do *site*, visaram criar uma ferramenta útil, interativa e informativa, vocacionada para o turismo, e com a possibilidade de a médio e longo prazo ser enriquecida. Esta solução surgiu quase de imediato porque percebemos que, cada vez mais, a sociedade recorre a meios tecnológicos para aceder às informações de que necessita. No seguimento reflexões sobre a comunicação patrimonial, utilizar as tecnologias digitais para comunicar, transmitir conhecimento e apelar à preservação do património pareceu-nos o melhor método para promover estes conceitos e interagir com o público. Além disso, permitem a salvaguarda de toda a informação em ambiente digital, assegurando o contínuo acesso à mesma.

Referências

- Araújo, S. (2017). *Rotas Turísticas e Sistemas de Recomendação no Norte de Portugal: uma análise do perfil do visitante* (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto). Recuperado de https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/10935/1/sara_ara%C3%BAjo_MGT_2017.pdf
- Ferreira, M. & Gouveia, L. (2004). Património Local e Tecnologias da Informação, Uma Relação Inevitável. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 1, 191-201. Recuperado de <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/638/2/191-201FCHS2004-5.pdf>
- Guimarães, A. (1989). *Azulejos do Porto*. Porto: Salgado Guimarães.
- Icomos. (1999). *Carta Internacional sobre o Turismo Cultural*. Cidade do México: Icomos. Retirado de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartaintsobreTurismocultural1999.pdf>
- Leal, A. (2018). *Relação entre tecnologias de informação/comunicação e participação cultural: o caso do “Dias do Património a Norte”* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Martins, F. S. (2001). *Azulejaria Portuense*. Lisboa: Inapa.
- Meco, J. (1985). *Azulejaria Portuguesa*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Meco, J. (1989). *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa.
- Rodrigues, B. (2018). *Turismo Cultural. A Rota das Catedrais e o Caso de Santarém* (Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra). Recuperado de <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/33090/4/Turismo%20Cultural%20e%20Desenvolvimento.pdf>
- Santos, R. (1957). *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Editorial Sul Limitada.
- Simões, J. M. S. (1979). *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste

Gulbenkian.

Simões, J. M. S. (1990). *Azulejaria em Portugal nos Séculos XV e XVI: Introdução Geral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Simões, J. M. S. (1997). *Azulejaria em Portugal no Século XVII (Tomo II – Elenco)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Simões, J. M. S., & Oliveira, E. G. (1997). *Azulejaria em Portugal no Século XVII (Tomo I – Tipologia)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Soeiro, T., Alves, J. F., Lacerda, S., & Oliveira, J. (1995). *A cerâmica portuense: Evolução empresarial e Estruturas edificadas*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

Soeiro, T., Lacerda, S., & Oliveira, J. (2001). *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia, Roteiro das Fábricas de Cerâmica Portuense*. Porto: Museu Nacional Soares dos Reis.

Submitted: 24th April 2020.

Accepted: 10th July 2020.

ⁱ Projeto apresentado em outubro de 2015 para obtenção do grau de Mestre em História da Arte Portuguesa (FLUP). O relatório de Estágio encontra-se disponível na íntegra em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/80703>

ⁱⁱ <https://www.bad.pt/noticia/2013/09/23/az-infinitum-sistema-de-referencia-e-indexacao-de-azulejo/>

ⁱⁱⁱ <http://www.sosazulejo.com/>

^{iv} <http://redeazulejo.fl.ul.pt/>

^v <https://www.facebook.com/RotaAzulejoAlentejo/>

^{vi} <https://beira.pt/portal/noticias/livro-divulga-patrimonio-azulejar-religioso-da-diocese-da-guarda/>

^{vii} <https://azulejopublicitario.pt/>

^{viii} <http://mappingourtiles.com/>

^{ix} <https://www.cm-porto.pt/cultura/patrimonio-cultural/banco-de-materiais>

^x <https://azulejosporto.pt/pt-pt/>

^{xi} <https://www.facebook.com/preenchervazios/>

^{xii} <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/news/comunicados/azulejo-portugues-candidato-patrimonio-mundial/>

^{xiii} <https://www.publico.pt/2018/05/05/fugas/noticia/esta-na-altura-de-os-portugueses-voltarem-a-olhar-os-seus-azulejos-1817825>